

Vazio, colapso da forma

Luís Quintais
Universidade de Coimbra

Resumo

O ensaio presente procura pensar a centralidade que a noção de vazio detém no trabalho artístico do escultor português Rui Chafes. Neste contexto, os objetos artísticos são assimiláveis a breves florações num universo de forças dinâmicas de resgate improvável.

Palavras-chave: Rui Chafes; vazio; forma; floração; modernidade.

Abstract

The present essay tries to think about the centrality that the notion of emptiness has in the artistic work of the Portuguese sculptor Rui Chafes. In this context, the artistic objects are captured as brief blossoming in a universe of dynamical forces of improbable release.

Keyword: Rui Chafes; emptiness; form; blossoming; modernity;

*Só a forma e o vazio são universais; tudo o resto é pó e cinzas.
Rui Chafes (2012, p. 51.)*

Rui Chafes é um artista que faz do gesto criador um imperativo de construções e destruições. Tudo vem do vazio e tudo para ele se encaminha. Pelo meio, teremos apenas uma floração sob a forma de palavras, ferro, ou traços a grafite e manchas de tinta que se reúnem numa folha de papel. Entre vazio e vazio, a fragilidade da forma antecipa o seu colapso.

Vazio, colapso da forma

A paixão pelo vazio e pela forma pode ser pensada através de vários elementos que se dispersam, como sementes, e que nos dizem coisas difíceis. Difíceis porque de acesso parcial apenas, mas também porque não se trata de coisas que poderiam ser ditas se se colocasse no seu eixo as fluidas noções de subjetividade de que se fazem outros percursos.

Toda a dispersão dos signos negros e densos de que se compõe o seu trabalho se joga num território onde não há cogitação expressiva em nome próprio, onde a biografia se torna uma improvável via de acesso; em suma, onde descortinamos, como se de um confronto aparentemente accidental se tratasse, que o inteligível em nós, esse veio de subjetividade que supomos inapelável e inapagável, é o desenlace e a destruição da forma, é a suspeita, primeiro, e a confirmação sem

regresso depois, de que há uma ferida na pele das coisas, e que essa ferida é uma abertura para o abismo onde o sim e o não, o dia e a noite, a vida e a morte se não podem cindir, mesmo que, através de uma operação mágica e técnica, se pareça acrescentar algo a esse fundo de destruições que nos contempla e ao qual o artista não nos parece poupar.

Esse fundo de destruições que está dentro e que está fora.

Interioridade e exterioridade não escapam às sugestões do vazio. O corpo é uma extensão do mundo e o mundo uma extensão do corpo. Entre interior e exterior, uma ferida rompe toda noção de descontinuidade. É essa dilacerante ferida que liberta a arte de um centro autoexpressivo que comunique, por hipótese narrativa, a biografia, a pessoa, a identidade ou autoria que parece mover o cânone. Diz-nos Rui Chafes:

Uma vez que penso o meu trabalho não como expressão própria mas enquanto veículo de Deus, sou conduzido por epifanias e não por motivações pessoais. Na verdade, acho que não sou propriamente um artista... limito-me a obedecer a uma voz que me diz o que tenho de fazer. (CHAFES; MATOS, 2016, p. 52)

Uma voz que poderá ser o vento, o vento que é preciso escutar em silêncio. Uma voz que vem de Deus? O artista usa a palavra pontualmente, mas depressa percebemos que este Deus a que se reporta assim com maiúscula é apenas uma declinação do vazio, desse vazio metafísico onde nada pode ser separado e que faz abolir toda autoria e toda a subjetividade.

As suas palavras são, nesse sentido, propiciatórias, recusam e aplacam aquilo que há de mistificatório nas enunciações em nome da autoria e da subjetividade. Beckett, talvez o maior dos modernistas porque nos conduziu a uma recusa acerba e radical das ilusões da autoexpressão, não deixaria de subscrever a posição de Rui Chafes a este propósito. “Textos para nada.” Esculturas e desenhos para nada, poderia acrescentar Rui Chafes. Assim, não é evidente que os objetos ou a objetualidade, marcas de autoria, sejam tudo o que há para ver. Os objetos são apenas um índice de um trabalho que permanecerá discreto, certamente invisível.

Foi Wallace Stevens que afirmou nos seus *Adagia* que o poeta é o “sacerdote do invisível” (STEVENS, 1990, p. 195.) Os objetos são apenas signos – sementes, disse – que germinarão se germinarem, porque contêm ou poderão conter uma esperança que é, só pode ser, inarticulada, e que nos lança no que permanecerá sempre inarticulado:

Os objectos não existem. O que existe é a esperança dos objectos. As minhas esculturas revelam não a presença dos objectos, que creio serem inexistentes, mas o espaço no momento exacto da sua ausência, da sua fuga. Estas esculturas são estados de movimento que têm a ver com energia e não com presenças, requisitam directamente o pensamento. (CHAFES, 2006, p. 102)

O artista parece reclamar para o seu trabalho uma disposição desterritorializadora. Uma desterritorialização absoluta espreita assim todas as construções, todas as suas materializações

ou incorporações da forma e do desenho. Poderíamos dizer que o artista não é tanto aquele que constrói, mas antes aquele que negocia com o abismo, isto é, com o vórtice de destruições e recomposições potenciais da matéria que o vazio parece sugerir.

Próximo de Giacometti e de Beckett, Rui Chafes sabe que toda a arte falha, porque toda a arte, ou aquilo que lhe dá a sua presença, é um compromisso contingente com a duração. É conhecida a sua devoção a Giacometti e a Beckett. Falhar, falhar melhor, ou, de outro modo, apontar, fazer dirigir a atenção para aquilo que não pode ser capturado, para aquilo que ameaçará sempre a permanência e a segura reificação da forma, em suma, para o vazio:

O trabalho de ambos, a sua redução radical do medo do Homem a um mundo de sombras corroídas, assustadoramente definitivo, é uma forma de humanismo desesperado e é das obras mais importantes deste século: não pela redução formal mas pela instauração do espaço negativo como forma. (CHAFES, 2006, p. 60)

“Instauração do espaço negativo como forma.” Sugestão do vazio, assim é a forma que se precipitará no vazio, que a ela regressará no seu enlace com a duração. “Uma teologia do negativo”, dir-se-á, ou pelo menos é esse o sentido da interrogação de Sara Antónia Matos:

O seu trabalho inscreve-se numa teologia do negativo, no sentido de pensar a criação a partir do nada, fazer surgir uma possibilidade a partir de um topos ou terreno vazio? A epifania pode enquadrar-se aí? (CHAFES; MATOS, 2016, p. 52, grifos do autor)

Responde Rui Chafes:

[...] Na verdade, a arte é uma construção e será sempre uma linguagem do Vazio. O Vazio pode ser, ao mesmo tempo, o inferno mais estéril, o ninho da impossibilidade, e o único campo possível onde poderemos depositar uma forma, uma cor, uma palavra, um som, pouco mais. Tento sempre partir das imagens finais de *O Processo de Joana d' Arc*, de Robert Bresson, em que vemos apenas a estaca queimada, sem mais nada, sem o corpo, as correntes que o aprisionaram e o fumo. É dessa brutal imagem do vazio que eu tento fazer o começo de cada um dos meus trabalhos. § A arte envolve sempre a questão do vazio e do cheio. Na Europa o pensamento do Mestre Eckhart afirma que o Vazio e o Nada são precisamente a postura mais próxima de Deus, o não-ser que dá origem ao ser; esse é um ponto de contacto muito interessante e inesperado entre o pensamento ocidental e o pensamento oriental, com a sua noção de «*Mu*» e o seu entendimento *zen* do mundo. § Mas mais importante do que tudo, para mim, é a noção de vazio desesperado e inevitável, que Samuel Beckett desenvolveu em todos os seus escritos, sobretudo nos últimos textos, quase perto do silêncio final. Uma vida inteira a escrever «textos para nada»... (CHAFES e MATOS, 2016, pp. 52-54.)

De outro modo, dir-se-ia ainda que um certo ateísmo radical, aquele que encontramos em Beckett, parece ser conforme às pretensões dos místicos. Ou que oriente e ocidente se cruzam

no exato lugar em que Deus é uma das modalidades do vazio. O vazio e o nada que é condição de possibilidade, que é potência, que é virtualidade, e que, poderá, na sua negatividade, operar positivamente, isto é, resgatar a forma, a sua floração. Essa frágil floração que se abre para o esplendor de um céu azul – *le bleu du ciel*, dirá Bataille (1978) – numa contemplação feroz do sempre latente, e cuja captura é relativa, transitória, decepcionante: “Por isso, a boa arte, a arte que me interessa, é e será sempre uma desilusão” (CHAFES; MATOS, 2016, p. 54).

O artista deposita sementes. Trabalha numa região de fronteira, num *entre*, num espaço de preposições. A forma eclode assim como floração entre vazio e vazio. A forma é a ferida, a incisão que reconduz ao vazio e ao efêmero de todos os atos da fala, de todos os atos expressivos.

Usando outros termos, a arte de Rui Chafes é a apóstrofe do vazio, e a beleza que se desprende dos seus objetos é agônica. Muitos dos seus artefatos assemelham-se a armaduras ou armas abandonadas num campo de batalha, e quando os contemplamos, a delicada beleza desses restos, desses despojos que permanecem na paisagem depois da batalha, convocam uma dilacerante imagem do mundo moderno, um mundo onde a ferida se tornou metáfora e metonímia do desastre dos sonhos da razão tornada pesadelo.

Não vemos a carnagem, o massacre, mas podemos adivinhá-la na distribuição das formas que se precipitarão no vazio. Estes objetos de indecisa nomeação – que podem ser armas, armaduras, fragmentos exuviais ou feridas – lançam-nos numa meditação sobre a dimensão sacrificial que, em surdina, acometeu a modernidade e as suas ilusões de progresso.

Só a literatura o terá compreendido, dir-nos-á o grande escritor italiano Roberto Calasso a propósito de Sade e, sobretudo, a propósito de Melville. Se Sade se refere em passagem à carne ferida, regressando imediatamente à profusa tagarelice do mal que se torna espetáculo climatizado, “Melville ergue a literatura a carnificina, empurra-a para lá de um limiar desconhecido, impõe na página aquilo que sempre soubemos que estava a acontecer, mas a acontecer fora do palco e fora da palavra” (CALASSO, 1994, p. 208).

Assim, é com Melville que compreendemos com toda a clareza que a literatura é floração no massacre, ou também um trabalho de identificação de despojos, um exercício que aponta para o abismo. Calasso, com uma intensidade e um fulgor inexcelsos, di-lo em *La rovina di Kasch*:

A literatura floriu do sacrifício, mas nunca tinha descrito o ato de carnificina; antes tinha sido a labiríntica guirlanda ao redor do vazio. Com Melville, a carnificina torna-se o verdadeiro centro do livro. A fábrica taylorista, que Sade já tinha evocado nos ritmos ferozes dos *120 Dias*, reaparece no abate da baleia, descrito com um detalhe tão ávido quanto o de Marcel descrevendo o baile de Guermantes, mas aqui realizado sob o sol a sul e acompanhado pelo fedor e os perfumes inebriantes do imenso cadáver. (CALASSO, 1994, p. 208-209)

Rui Chafes trabalha num mundo onde a seta do tempo se quebrou em mil fragmentos, tantos quantos os restos mortais a que fazem apelo as suas esculturas. A seta do tempo que explode em

mil fragmentos, como uma flor que dispersa centrifugamente o seu pólen, ou ainda, como uma projeção de signos que, semioclasticamente, se espalham sobre a terra, sem que o sentido desse arremesso, desse lance sem regresso, possa ser resgatado.

Referências

BATAILLE, Georges. *O azul do céu*. Lisboa: A. Ramos, 1978.

CALASSO, Roberto. *The ruin of Kasch*. Manchester: Carcanet, 1994.

CHAFES, Rui. *O silêncio de...* Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

_____. *Entre o céu e a terra*. Lisboa: Documenta, 2012.

CHAFES, Rui; MATOS, Sara Antónia. *Sob a pele*. Lisboa: Documenta & Atelier-Museu Júlio Pomar, 2016.

STEVENS, Wallace. *Opus posthumous*. Nova Iorque: Vintage, 1990.

Minicurrículo

Luís Quintais é ensaísta, poeta, antropólogo e professor da Universidade de Coimbra. Publicou seis livros de ensaio e 14 livros de poesia, o último dos quais, *Arrancar penas a um canto de cisne* (2015), reúne todos os seus livros de poesia publicados durante vinte anos. Como poeta, foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Prémio Fundação Luís Miguel Nava, Prémio Fundação Inês de Castro e Prémio António Ramos Rosa. A sua página pessoal na web pode ser encontrada em: <luisquintaisweb.wordpress.com>.